
CONSIDERA ES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇAO SEXUAL PARA A CRIANÇA PEQUENA COMO FORMA DE PREVEN O DA VIOLÊNCIA

Mizunuma, Samanta¹ & Lima, Siumara Aparecida de²

Categoría 2: Trabajos de investigación (en proceso o concluidos).

Línea de trabajo #. Relaciones entre investigación y ense anza.

Resumen

Este estudio busca demostrar a relevância de se trabalhar a Educa o Sexual nas escolas com a criança pequena como forma de preven o da violência. Para isto, revisam-se estudos e documentos sobre o assunto. Apresentam-se também alguns resultados preliminares da pesquisa desenvolvida pela autora, com professores do Ensino Fundamental I da cidade de Ponta Grossa/ PR (Brasil), acerca da Educa o Sexual para a criança pequena (8-11 anos). Os dados foram coletados através de questionários com perguntas abertas e fechadas. A partir da análise dos resultados, pode-se constatar que, para os educadores da cidade pesquisada, existe dificuldade de se compreender a Educa o Sexual como parte da forma o integral do sujeito, apesar de a maioria constatar atitudes e a oes sexuais dos seus alunos.

Palabras clave: Ensino de ciências; Educa o Sexual; violencia; criança pequena; caráter.

¹ Mestranda do Programa de Pós Gradua o em Ensino de Ciências e Tecnologia (PPGECT), na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – câmpus Ponta Grossa. Email: mizunumasamanta@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós Gradua o em Ensino de Ciências e Tecnologia (PPGECT), na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – câmpus Ponta Grossa. Email: siumara@utfpr.edu.br

Objetivos

Este trabalho tem por objetivo, mostrar a relevância de se trabalhar a Educação Sexual com a criança pequena, como forma de prevenção da violência, considerando que durante está faixa etária forma-se o caráter do sujeito.

Marco teórico

Quando se pensa em violência, logo se remete sua definição a uma abordagem física, no entanto ela vai muito além desse pensamento simplista. O Ministério da Saúde (2009) entende a violência como um problema social que atinge a todos em todas as fases da vida e pode se seguir durante todas elas. A violência é mundialmente responsável por aquisições de doenças e mortes tornando-se visível por meio de atos realizados por sujeitos, individualmente ou na coletividade, os quais causam prejuízos físicos, emocionais e/ou espirituais. Corroborando com essa ideia tem-se a definição seguinte:

A violência é um fenômeno amplo e que inclui não apenas comportamentos entre indivíduos, mas também se refere à questão como desigualdades (sejam elas sociais, étnicas, de gênero ou classe), pobreza, desemprego, intensificação e precarização do trabalho, desvalorização profissional e salarial, discriminação, falta de atendimento aos direitos básicos, abandono, etc. (Luz, 2009, p. 48)

Pode-se afirmar então que violência é um problema presente em todas as sociedades e que precisa ser alvo de discussões. Luz (2009, p. 70) afirma que “A vida é frágil, e exige que seja preservada em sua plenitude.”. Para que isso ocorra, deve-se pensar em uma educação de homens e mulheres para relações de solidariedade e para um convívio familiar que se baseiem em respeito aos direitos individuais e coletivos. Essa ação deve se tornar prioridade da sociedade, como forma de proteção da vida e da dignidade das minorias sociais. Para isto, faz-se necessário pensar em possibilidades de resolução como: a prevenção por meio da educação, a construção social em que não se permita a entrada da violência, independente da forma de violência.

De acordo com Brasil (2013), através do programa VIVA do Ministério da Saúde que apresenta dados de pesquisa realizada no Brasil através da notificação de violência doméstica, sexual e/ou outras violências categorizadas de acordo com os ciclos de vida (crianças, adolescentes, adultos e idosos), os casos de violência contra a criança de zero a 9 anos mais frequentes são a negligência (35,6%) e a violência sexual (35,6%), considerando ainda que 25,6% desses são casos de repetição. Em contradição à ideia que se tem, esses casos

ocorreram onde se acredita que as pessoas estejam em maior segurança, a própria residência (61,9%), sendo que os principais responsáveis pela agressão são mãe (31,8%) seguida pelo pai (20,9%).

Contribuindo com essa discussão, tem-se a fala de Ponzilacqua (2013), o qual entende que a violência dentro do espaço doméstico torna-se

[...], condição que propicia a crença de pretensa impunidade. O agressor se sente confortável e confiante pela manutenção do sigilo ou silêncio a legitimar a situação de violência entre agressores e agredidos, que instala e perpetua ciclo contínuo de violência enquanto não é quebrado pelas vítimas. (Ponzilacqua, 2013,p.27).

Assim, acrescentam-se os demais tópicos ligados à violência abordada neste estudo, a violência contra a mulher e a violência contra LGBT's (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais), os quais também possuem maior número de ocorrências dentro dos círculos familiares e dentro de sua própria casa. Nessa perspectiva, Ponzilacqua (2009), afirma que vivemos em uma sociedade machista, onde a competição se reafirma como paradigma e acaba por reforçar alguns instintos básicos (dominação, sobrevivência e reprodução). Dessa forma, ocorrem distorções de valores, onde força, poder e violência passam a ser valorizados como essências masculinas.

A Secretaria de Direitos Humanos apresentou no ano de 2013 um relatório referente à violência ligada ao grupo LGBT no ano de 2012. Destaca-se o registro de um aumento de 166,09% de casos de denúncias e 46,6% de violação dos direitos humanos contra LGBTs. No que diz respeito aos suspeitos da violação, os mais frequentes são vizinhos (20,69%), seguido de membros da família (17,72%). E assim como os casos de violência contra a mulher e contra a criança, quando se diz respeito à violação de direitos humanos de caráter homofóbico, o local em que ocorrem o maior número de casos é a própria casa da vítima (38,63%).

Considerando o exposto, toda a discussão sobre a violência ligada às minorias nos leva àquela velha frase chavão "violência gera violência" já que comportamentos assim são repetidos do meio familiar. De acordo com Luz (2009), as organizações familiares acabam reforçando a inferioridade feminina. Considera ainda que estar em ambientes onde a violência faz parte da rotina poderá conduzir a criança a acreditar que ela é natural. Se a criança presencia a hierarquização entre os sexos, violência de um modo geral e o silêncio e o conformismo como proteção poderá ela aceitar a violência, suportá-la como também reproduzi-la.

Ao se trabalhar com a criança pequena, deve-se lembrar de que ela está em formação de caráter, e por esse motivo é importante sempre tomar o máximo

de cuidado. As ações dos educadores serão responsáveis pela construção de uma sociedade mais pacífica ou mais violenta.

Nessa perspectiva “[...] é preciso entender por caráter precisamente o que distingue os indivíduos entre si, mesmo quando suas condições de existência ou os resultados da sua atividade não parecem diferir muito.” (Wallon, 1995, p.19). O autor entende que

[...]o caráter não se compõe de partes distintas, átomos ou radicais diversamente reunidos e combinados. Ele constitui, para cada indivíduo, a sua maneira habitual ou constante de reagir, com a condição de não entender como modo de reagir um certo tipo de reações particulares e sempre idênticas, e sim uma espécie de parentesco latente, que une as reações entre si, mesmo através das circunstâncias e situações mais variadas. Aliás, uma reação não afirma apenas traços fixos do caráter, ela é capaz de modificá-los. (Wallon, 1995, p. 19-20)

Compreende-se então que não se pode dizer que o que define o caráter é a sua origem, apesar de sim influenciar em sua formação, ele define-se pela junção das qualidades e defeitos do sujeito sofrendo também influências ambientais, culturais e sociais.

A formação do caráter de uma pessoa se efetiva devido aos diversos acontecimentos pessoais e sociais de um sujeito. “A blindagem do caráter forma-se como resultado prolongado do choque entre as exigências do instinto e um mundo exterior que frustra essas exigências.” (Reich, 1996, p.188). Tudo aquilo que a criança vivencia na família, na escola, nos espaços sociais que frequenta (clubes, igreja, etc) serão responsáveis por sua formação. “Todas estas condições são determinadas pela ordem social prevalecente com respeito à educação, moralidade e satisfação das necessidades; em análise final, pela estrutura econômica prevalecente da sociedade.” (Reich, 1996, p.193)

Deve-se entender então que, a criança deve ter experiências positivas em suas relações sociais, para que se forme com um “bom caráter” pautado no respeito e nas boas relações com os outros.

Existe a necessidade de se refletir e discutir sobre como a escola tem agido com relação às violências. É importante que o educador esteja preparado para as situações que possam vir a ocorrer, lembrando que “[...] o espaço escolar pode ser um espaço de inúmeras contradições, pois pode contribuir para a construção das desigualdades de gênero, mas também pode se constituir num espaço de transformação social e de construção de igualdade.” (Luz; Carvalho; Casagrande, 2009, p.14).

Metodología

Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionários a 144 professores dos 3º, 4º e 5º anos da rede municipal de ensino público na cidade de Ponta Grossa – PR (Brasil). Foram feitas perguntas abertas e fechadas possibilitando uma abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa dos dados.

Para a composição deste artigo, foram analisadas apenas duas das perguntas já que se pretende mostrar se os professores desenvolvem atividades relacionadas à educação sexual e se já vivenciaram alguma situação na escola, envolvendo questões de sexualidade.

Este artigo é um fragmento de pesquisa de Mestrado, ainda em andamento, a qual foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR), atendendo às orientações inerentes à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados y análisis

Perguntou-se aos professores: “Desenvolve atividades na disciplina de Ciências sobre a Educação Sexual?”. O resultado foi que 52% dos professores não desenvolve atividades de Educação Sexual, e que 47% desenvolve. No entanto, desses 47%, afirmaram desenvolver essas atividades apenas nos 5º anos 54,72% acreditam que é quando faz parte do currículo e deve ser trabalhado, destacando o sistema reprodutor masculino e feminino.

Outro questionamento feito: “Já vivenciou alguma situação na escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamento, atitudes ou falas dos alunos)?”. Obteve-se como resultado que a maior parte dos professores (69%) afirmou ter vivenciado alguma situação envolvendo sexualidade na escola. Dentre os casos relatados destacam-se: questionamentos; beijos entre alunos; alunos que se sondam no banheiro; relatos de cenas sexuais em novelas; bilhetes com desenhos e frases sexuais; relatos de pais ou familiares homossexuais; masturbação em sala de aula; mostrar o órgão genital para os colegas.

Observa-se que, para os educadores participantes da pesquisa, apesar de se constatar a presença de situação sexuais nas escolas de Ensino Fundamental I, não reconhecem a Educação Sexual da criança pequena como parte de sua formação. Destacam-se as seguintes falas:

Tabela 1. Questões abertas/ respostas

Sujeito de pesquisa	1) Desenvolve atividades na disciplina de Ciências sobre a Educa�o Sexual?	2) Já vivenciou alguma situa�o na escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamento, atitudes ou falas dos alunos)?
P. 07	"Não. Não � conteúdo programado para o ano que leciono."	"Sim. Algumas curiosidades dos alunos, quanto ao nascimento de beb�s, menstrua�o."
P. 12	"Não. Esse trabalho fica mais restrito ao conhecimento do corpo humano (�rg�os e sistema) e muito pouco ou nada voltado a orienta�o sexual."	"Sim. Os alunos falam sobre sexualidade, comentam sobre cenas de novelas e filmes, até relatam coisas relacionadas a sexualidade de suas

	voltado � orienta�o sexual."	relacionadas � sexualidade de suas famílias. Essas situa�es sempre causam constrangimento e dificuldades de se entrar num consenso entre os alunos e a família dos mesmos."
P. 40	"Sim. No ano anterior, trabalhei com o conteúdo de 5� ano. Mostrando slides, palestra com um estudante de medicina."	"Sim. Perguntas sobre métodos contraceptivos. Alunos que já estavam namorando. Irmã de aluna que engravidou na adolescência (11 anos)."
P. 82	"Sim. Trata-se do currículo objetivo do 5� ano."	"Aluna contou que se pai quando ela ia visita-lo, passava a mão em seu corpo."
P. 84	"Sim. No 5� ano."	"Sim. Aluno da educa�o infantil se masturbando em sala de aula. Meninos com características femininas que convidam outros meninos para beijar na boca e namorar. Meninas com atitudes masculinas."

  possível perceber que os professores relatam não desenvolver trabalhos sobre Educa o Sexual, mesmo reconhecendo que isso faz parte da vida da criança. Percebem-se ainda como os educadores enfatizam que a Educa o Sexual acontece no 5  ano do Ensino Fundamental I, apesar de vivenciarem fatos em diferentes faixas de idade.

Poucos educadores demonstram realizar Educa o Sexual apesar de entender que ela não faz parte do currículo de um modo geral, reafirmando desse modo a necessidade de forma o inicial ou continuada específica para essa  rea:

Tabela 2. Questões abertas/ respostas

Sujeito de pesquisa	1) Desenvolve atividades na disciplina de Ciências sobre a Educa�o Sexual?	2) Já vivenciou alguma situa�o na escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamento, atitudes ou falas dos alunos)?
P. 67	"Não. Especificamente nesta área não. Porque não aparece nos pareceres onde constam os objetivos a serem trabalhados. Mas, sempre comento sobre o tema nas minhas turmas, pois acho importante dar esta abertura para eles sentirem-se a vontade para tirar d�vidas e fazer perguntas."	"Durante os 25 anos de trabalho forma muitas vezes. Um aluno ficava o tempo todo com as mãos nas calças. Um outro pequeno de 6 anos gostava de mostrar suas partes íntimas para os colegas. E muitas outras situa�es parecidas."

Os professores criam conceitos e defini es a partir de suas perspectivas de mundo, baseadas em sua forma o pessoal e não acad mica, já que não reconhecem a Educa o Sexual como parte da forma o integral do sujeito e que faz parte de todas as fases de sua vida.

Consideraciones finales

Por meio da pesquisa feita com os professores do Ensino Fundamenta I, pode-se constatar que existe ainda um grande caminho a se trilhar quando se diz respeito ao trabalho com a Educa o Sexual com esta faixa etária especificamente.

A faixa etária de 8 a 11 anos pode ser considerada uma fase boa para se propor a Educa o Sexual, primeiramente porque a criança, ao conhecer o seu corpo e como ele funciona, poderá se proteger de possíveis agressores sexuais. Outro fator relevante   a forma o de cidad es que respeitem as diferenças de g nero, tratando todos como iguais. Ambos os fatores poderão contribuir para a não-violência.

Faz-se necessário então voltar o olhar para a formação dos educadores atuantes no Ensino Fundamental I, considerando que fica evidente na pesquisa que não existe clareza nos conteúdos que fazem ou não parte da Educação Sexual. Destacam-se nas falas dos educadores o órgão reprodutor masculino e feminino, desconsiderando-se os demais tópicos que não se dissociam do conteúdo proposto.

Nesse sentido, entende-se que a Educação sexual como forma de prevenção da violência, só será possível com a melhor compreensão de seus objetivos, considerando: a anatomia humana; o comportamento humano; a construção da vida sexual saudável; a prevenção de doenças; a prevenção da gravidez indesejada; a violência sexual; as questões de gênero; entre outros.

Assim, este estudo cumpre com objetivo proposto inicialmente, o qual buscava apresentar a importância de se desenvolver um trabalho de Educação Sexual com a criança pequena no Ensino Fundamental I, com a intenção de ser um material que auxilie educadores, pais ou todos aqueles que possam se interessar por esta discussão.

Referencias bibliográficas

- Brasil. (2009). Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência. Brasília: Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde.
- Brasil. (2012). 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica. Brasília: Secretária dos direitos humanos (relatório).
- Luz, Nanci S. da. (org) . (2009). Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola. Curitiba: Editora UTFPR.
- Ponzilacqua, Márcio H. P. (org) . (2013). Violência Doméstica, Agressão Sexual e Direito: da constatação ao enfrentamento pela perspectiva transdisciplinar. Curitiba: Editora CRV.
- Reich, Wilhelm. (1996). Análise do caráter. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Wallon, Henri (trad. em 1995). As origens do caráter na criança. São Paulo: Nova Alexandria.